

Museu, educação e curadoria: diálogos possíveis.

Adriana Aparecida Ganzer

Museu da Infância – UNESCO.

Resumo: Este artigo apresenta considerações que dizem respeito ao museu como espaço de produção de conhecimento permeado por narrativas e vinculado a prática social. Um ambiente de memória e descobertas no qual reverbera a ampliação do repertório artístico e cultural a partir das relações estabelecidas entre crianças, adultos, patrimônio e espaço social. Nesse sentido, tenho a intenção não apenas de amalgamar diálogos e conceitos que me permitam revocar a imagem à memória, e desenhar um esboço substancial junto a espectadores, fruidores e demais envolvidos com esses temas, como também de intercambiar experiências considerando meus estudos alicerçados em diálogo com poetas e teóricos da arte, da educação e das questões museais, tais como: Alves; Bruno; Cabral e Rangel; Calvino; Canclini; Chagas; Cintrão; Foucault; Meneses; Nascimento Jr. e Chagas. Ademais, sublinho a pesquisa e o entendimento do museu como um espaço de educação não formal e entre centenas de dialetos, ao trazer palavras e dizeres à luz dos debates e leituras realizados a partir de minha pesquisa de mestrado e da participação no seminário *Museus: curadoria, exposição e ação educativa*, junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Museu. Educação. Patrimônio. Curadoria

Abstract: *This paper presents considerations that relate to the museum as a space of knowledge production, permeated by narrative and linked to social practice. A memory environment and discoveries in which reverberates the expansion of cultural and artistic repertoire from the relations between children, adults, heritage and social space. Accordingly, I intend not only to amalgamate dialogues and concepts that allow me to recall to mind the image, and draw an outline with a substantial audience and others involved with these issues, but also to share experiences considering my studies grounded in dialogue with poets and theorists of art education and museum issues, such as Alves, Bruno; Cabral and Rangel, Calvin, Canclini, Chagas; Cintrão; Foucault, Meneses, Nascimento Jr. and Chagas. Moreover, I emphasize research and understanding of the museum as a space of formal education and hundreds of dialects, to bring the words and sayings to the light of discussions and readings made from my master's research and participation in the seminar *Museus: curadoria, exposição e ação educativa*, with the Post Graduate Program in Education at the Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

Key words: Museum. Education. Heritage. Curator.

Esta loja é um museu: o senhor Palomar ao visitá-la sente, como no Louvre, em cada objeto exposto a presença da civilização que lhe deu forma e dele toma forma. Esta loja é um dicionário (...) e cujo léxico apresenta uma riqueza inexaurível de sinônimos, expressões idiomáticas, conotações e sutilezas vocabulares, como todas as línguas nutridas pelo aporte de centena de dialetos. [...] Tira do bolso um bloquinho, uma caneta, e nele começa a escrever nomes e assinalar ao lado de cada nome algum qualificativo que lhe permita revocar a imagem à memória, tenta mesmo desenhar um esboço sintético da forma.

Italo Calvino

Em todo caso, uma coisa ao menos deve ser sublinhada: a análise do discurso, assim entendida, não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação.

Michel Foucault

Início este artigo com o intento de amalgamar conceitos e olhares atinentes às questões que permeiam a exposição no museu de arte – a curadoria e a ação educativa. Entre centenas de dialetos, trago palavras e dizeres à luz dos debates e leituras realizados a partir de minha pesquisa de mestrado¹² e da participação no seminário Museus: curadoria, exposição e ação educativa junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, pretendo sublinhar uma análise do discurso sem pretensões de universalizar os sentidos, mas sim aglutinar diálogos e conceitos que me permitam revocar a imagem à memória e desenhar, conforme Calvino, um esboço sintético junto a teóricos, poetas e demais envolvidos com esses temas, por acreditar que esses múltiplos olhares me conduzem a outros tantos questionamentos.

Com essa percepção, debruço-me sobre apontamentos e questões, pressupondo uma trajetória de sentido. Com o intento de intercambiar experiências considerando meus estudos alicerçados em diálogo com crianças, poetas, teóricos da arte, da educação e das questões museais (Alves 2010; Bruno 2010, 2008; Cabral e Rangel, 2008; Calvino 2004; Canclini 2005, 2003; Chagas 2009; Cintrão 2010; Foucault 2009; Meneses 1994, 2002; Nascimento Jr. e Chagas 2006). Deste modo, delineio apontamentos a partir das observações realizadas nos serviços educativos de

12 “Eu começava a olhar uma coisa que me interessava e já tinha que olhar outra”: refletindo sobre a relação dialógica entre o museu de arte e a criança. 2007. 156p. Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma (SC).

museus de arte localizados em Porto Alegre, ao sul do Brasil: Museu de Arte do Rio Grande do Sul – Ado Malagoli (MARGS), Santander Cultural e Fundação Iberê Camargo¹³.

Nesse desafio, a arte se incorpora ao cotidiano da educação, estabelece conexões e propicia um aprofundar das relações entre as instituições: família, escola e museu, como um significativo passo para a produção de conhecimento, ao favorecer, aos contempladores, a fruição artística. Situando-me na interface dessas instituições, indago-me: Qual a opinião das crianças a propósito do trabalho realizado pelo setor educativo do museu de arte? Como este deveria ser na perspectiva delas? O que as crianças modificariam na organização das exposições e na escolha das obras expostas?

Museu, um espaço educativo.

Assim sendo, vale estreitar o debate com Maria Cristina Bruno¹⁴ (2010) no momento em que ela parte do conceito de museu como lugar de educação. Reforça a intenção de que os museus tenham desempenho participativo a partir do diálogo – devem respeitar e saber entender o que a sociedade precisa da instituição, nesse sentido a educação exerce uma ação significativa nos processos museológicos. O setor educativo tem a possibilidade de saber como é o olhar do público visitante.

Há uma perspectiva do planejamento museológico que pode ter e no ponto de vista de Bruno, depende de uma relação com a sociedade que entra na vida das instituições museológicas para consolidar o campo do conhecimento, e que passa a entender os museus como espaços de produção do conhecimento e apreciação estética, campos de ação e de preservação patrimonial e educação pública.

Cabral e Rangel (2008) também apontam que pensadores na antiguidade “percebiam o potencial educativo do museu e sonhavam com espaços diferentes daqueles existentes” (p. 159). As teóricas citam uma obra escrita no século XVII¹⁵, a qual conta de uma cidade fictícia onde “haveria um museion, sede do pensamento científico, sem paredes, onde as crianças aprenderiam brincando

13 Entendo aqui as três instituições como museus de arte pelo papel que representam e sua atuação.

14 BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Palestra proferida na FABICO – UFRGS – Museus, Museologia e Educação: aproximações metodológicas. Curso de Museologia nos dias 23 a 25 de novembro de 2010 em Porto Alegre, gravada e transcrita por mim.

15 A cidade do sol, escrita pelo frei dominicano e filósofo Tommaso Campanella.

todas as ciências e artes” (idem). As autoras citam o crítico de arte inglês John Ruskin que apresentou à comissão parlamentar um projeto cujo objetivo era dar uma “função mais educativa ao museu, sugerindo que os objetos fossem apresentados com uma visão crítica e não apenas expositiva” (ibidem); e sugerem, por fim, pensarmos “a ação educativa em museus em forma de curadoria” (p. 160).

Todo sistema de educação, para Foucault (2009), é “uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (p. 44). Nesse sentido, segundo Bruno (2010) se os museus hoje são reconhecidos pela sociedade, politicamente falando no ponto de vista de gestão pública em grande parte isso se deve ao caráter educacional.

Vale dizer que pensarmos o museu como um objeto de estudo da educação é fundamental para que tenhamos uma visão mais crítica, para realmente sabermos se essas ações que acontecem são educativas e de como ainda poderemos avançar nesse processo. Conforme Walter Benjamin “quem se recolhe diante de uma obra de arte mergulha dentro dela e nela se dissolve” (1994 p. 193), nesse sentido, cabe ao serviço educativo promover atividades de aproximação, de fruição e contemplação da obra de arte, o que me leva a repensar o significado e abrangência do trabalho que vem sendo realizado pelo serviço educativo dos museus de arte. As instituições elaboram dinâmicas para estabelecer uma relação mais próxima da arte com o espectador. Embora os museus possam ser diferenciados, existem ações que podem ser para todos, como uma tendência para que os museus tenham desempenho participativo a partir do diálogo, e nesse sentido a educação exerce uma ação significativa nos processos museológicos. E aqui vale acrescentar, porque não cumprir uma ação expressiva nos processos atinentes a curadoria e organização das exposições?

Museu – ambiente expositivo e curatorial, permeado por narrativas e vinculado a prática social.

Rejane Cintrão (2010) escreve a propósito das montagens de exposições e de como as modificações foram acontecendo no decorrer dos tempos. A autora comenta que a escolha do curador, o modo como ele expõe suas idéias se reflete na seleção das obras, seja “estabelecendo relações formais ou conceituais entre as peças expostas, seja localizando-as de forma estratégica no espaço” (p. 15).

Vale lembrar que quem determinava os critérios expositivos era o colecionador, que exercia o papel que hoje desempenham o pesquisador, o curador e o educador,

pois a idéia de ordenar acompanha a história expositiva das coleções. A autora pondera que a principal missão do curador é “criar métodos e formas de apresentar um determinado grupo de obras (ou objetos documentados, e etc.), de maneira a facilitar a compreensão do espectador, buscando acessar todo e qualquer tipo de público” (idem p. 41).

Outrossim, Cauê Alves (2010) estende a conversa e assinala que o curador é o profissional que “organiza, supervisiona ou dirige exposições” (p. 43). Fala da curadoria como um campo interdisciplinar e assegura que o curador “não é aquele que coloca em circulação o que apenas o agrada, mas é um sujeito que pensa, estuda e reflete” (p. 45) e continua o pensamento para dizer que o curador tem direito a liberdade de pensamento, mas que precisa explicitar esse pensamento ao público. Segundo Menezes (1994) no museu “nos defrontamos com objetos enquanto objetos, em suas múltiplas significações e funções” (grifos do autor p. 12). Nesse pensamento os objetos constroem determinadas coleções e se faz necessário pensar nas relações de poder, nas relações sociais que podem ser estabelecidas, ou seja, em criar estratégias para problematizar, produzir sentido e construir conhecimento.

Igualmente, para Chagas (2009), os modelos de museu estão “atravessados por interesses políticos diversos, por dispositivos de maior ou menor controle social, por disputas de memória e poder” (p. 51). Vale assim compreender a dinâmica social das instituições, pois “há, nos museus, profundidade, mistério, fecundidade, tenebrosidade, deslumbramento e uma candeia a iluminá-los por dentro” (p. 55). O autor continua o pensamento ao sublinhar que os museus “encarnam, para o bem ou para o mal, a aura do mistério e o mistério da aura” (idem) e cita Walter Benjamin no momento em que argumenta: “perceber a aura de uma coisa significa investi-la no poder de revidar o olhar. (...) De modo claro, os museus fazem parte dos lugares que, na ordem do coletivo, suscitam sonhos” (p. 56).

Aqui vale destacar de que museu estamos falando. O museu de arte é compreendido como um espaço público de educação não-formal. Um espaço de produção de conhecimento permeado por narrativas nas quais reverbera a ampliação do repertório artístico e cultural a partir das relações estabelecidas entre crianças, adultos, patrimônio e espaço social. Nesse sentido, a conceituação de museu está relacionada com o seu papel de instituição social. Os museus de arte levam em conta que a arte necessita e requer a presença do espectador, ensejo e espaços de silêncio para sua contemplação, diálogo e deleite, numa relação dinâmica vinculada à prática social.

Nascimento Jr. e Chagas (2006) apontam que os museus “podem ocupar – e frequentemente ocupam – um lugar de notável relevo no imaginário e na memória social, bem como no cenário cultural e político de determinada localidade” (p. 13), além de serem também espaços de mediação cultural. Ainda afirmam que os museus estão em movimento: deixaram de ser compreendidos simplesmente como casas onde são guardadas relíquias, para tornarem-se “envolvidos com a criação, a comunicação, a afirmação de identidades, a produção de conhecimento e a preservação de bens e manifestações culturais” (p. 14). Conforme Garcia Canclini (2005), “talvez uma tarefa-chave das novas políticas culturais seja, tal como tentam certas performances artísticas, reunir de outras maneiras afetos, saberes e práticas” (p. 265). Para o autor (2003), entrar em um museu não é simplesmente ingressar em um edifício e olhar obras, mas também penetrar em um sistema ritualizado de ação social (p. 169).

Retomo questões atinentes ao papel do educativo nessa relação e sublinho a terminologia curadoria pedagógica (ou educativa), a qual pretende promover um apoio para o trabalho dos educadores em museus, que vai além da visita guiada, que almeja comunicar e ampliar o conhecimento. Isto é, não somente elaborar percursos para a visita, mas promover uma relação com os demais envolvidos na exposição, ou seja, a curadoria, a museografia, a comunicação e os demais setores do museu.

Nessa direção Meneses (2002), ao discorrer sobre o problema do conhecimento no museu, aponta a função estética como “algo construtivo do humano na plenitude da condição humana” (p. 18), como também assinala o deleite afetivo – “o museu é ainda lugar de oportunidade de devaneio, de sonho, de evasão, do imaginário” (p. 19). Defende que, além disso, se vá ao museu em busca da informação, para a formação e educação. Segundo o autor, é o século XVIII que revela o problema do conhecimento nos museus; e é no século XIX que estes se transformam em instrumentos por intermédio dos quais se produz o conhecimento – museus se configuram, então, como instituições que produzem e difundem o conhecimento.

Museus e espaços de narrativa –considerações tecidas.

Nesse momento quero agregar aos conceitos explicitados no decorrer do texto à minha fala e à fala das crianças¹⁶ que interagiram comigo na pesquisa de mestrado, no intento da busca de produção do conhecimento. Destaco que foi uma pesquisa realizada com crianças e sublinho momentos das nossas conversas atinentes ao que elas imaginam e qual a sua opinião sobre os museus, os serviços educativos, bem como a curadoria e organização das exposições.

Assinalo os momentos em que conversamos acerca da arte, do museu de arte, das suas expectativas e imaginações, posto que percebo o quanto isto se torna valioso para mim e também para elas. Vale acrescentar que os encontros com as crianças aconteceram em três momentos, o primeiro encontro¹⁷ foi na escola, com o objetivo de conhecer suas expectativas, se já conheciam um museu de arte, e como imaginavam ser recebidos. O segundo encontro aconteceu já no espaço expositivo, ou seja, durante a visita acompanhei-as com o objetivo de perceber como apreciam as obras originais; e o terceiro novamente na escola, para registrar os processos de produção de conhecimento e autoria através das falas das crianças. Nesse último encontro falamos sobre o que foi visto e como seria a organização e escolha das obras na opinião delas, relembramos a exposição ao mesmo tempo em que falamos sobre os conceitos da turma após conhecer as obras originais e o espaço expositivo.

As turmas se entregavam às novas descobertas, seja na conversa antes da visita ou mesmo depois, aproveitávamos para retomar conceitos e percebíamos juntos a multiplicidade de possibilidades que passaram a existir em relação à arte, ao museu de arte e às obras expostas. E, também no espaço expositivo, ao caminharmos por entre as salas de exposição, as crianças confidenciavam-me suas idéias a respeito das obras, em forma de opinião e, também, críticas.

Ainda atinente ao serviço educativo, nas nossas conversas na escola, após questionar as crianças a respeito do como imaginavam que deveriam ser recebidas, as respostas foram no sentido de que haveria uma pessoa no museu para atendê-las com educação. Alguém que diria: “bom dia, ou boa tarde, sejam bem-vindos!”; “Vai ter pessoas dizendo os cumprimentos”; “Com muita gentileza, sem incomodar”. As afirmações permaneceram em torno da crença de um tratamento conforme os padrões ensinados na escola. Também foi destacado que seria um adulto que iria dar explicações, ensinar coisas, alguém que fosse mostrar o museu, um guiador.

16 As conversas entrevistas aconteceram em grupo, e para garantir a fidelidade e apreender as falas das crianças utilizei um gravador de voz. Destaco que essa é uma atitude considerada essencial ao considerar que elas descobrem coisas enquanto falam, constroem respostas e representações acerca do que vivem, ouvem, desejam e imaginam. Como também faz parte da metodologia de pesquisa utilizada: a criação de espaços de narrativa. Para saber mais ver LEITE 2008.

17 Os serviços educativos de museus investigados foram do MARGS, do Santander Cultural e da Fundação Iberê Camargo. Já as escolas foram algumas das que agendaram visita aos espaços expositivos no período de março a agosto de 2006 e que os horários coincidiram com os da pesquisadora. Para saber mais ver GANZER 2007.

– “Que vai ser super e que vai ter coisas de aprender e de ensinar”; “Mostrando a cultura...”; “Vai ser uma aula diferente”; “Aula no museu de arte!”; “Arte é uma coisa assim, de aprender, daí vai ter alguém lá pra explicar as coisas pra nós”; “Falar com calma e nós com atenção”. Novamente surgem as manifestações ditas a partir dos seus referenciais de sala de aula, de uma relação entre professores e alunos, nas quais o foco é a expectativa da aprendizagem, embora agora em um outro espaço, a ser conhecido ou revisto.

Uma vez tida a experiência, puderam avaliá-la:

- “Eu gostei da moça [mediadora], achei ela bonita, simpática, legal, extrovertida e falou pra nós bem, foi bem legal”; “Eu gosto de ir no museu porque lá tem muitas artes, e foi explicado bem da obra de arte”; “O tio que tava lá falou bem as coisas da arte, eu gostei mais do elevador..., ele disse que não dava pra ir”; “Foi explicado tudinho”; “Dava assim pra entender”; “O tio explicou a obra e também mostrou como a gente pode fazer na aula ou em casa, carimbo de batata”; “Agora a gente sabe mais”; “Isso, agora a gente sabe mais coisas sobre obras de arte do museu, foi bem falado”; “Eu falei lá no museu”; “Eu também e fiz pergunta, ela respondeu”; “Bah, eu fiz mais perguntas”; “Ela explicou bastante pra gente”; “Ela falou um pouco de cada coisa...”; “O que a gente tinha que aprender, a gente aprendeu”; “Eu disse quase tudo!”; “Teve uma obra de bronze, ela disse que era a única que podia tocar”¹⁸; “É, ela explicou que a mão da gente tem uma gordurinha”.

Ressalto que as crianças, no nosso exercício de imaginar como poderia ser o museu de arte, assinalavam gostar da idéia de sair da escola para novos conhecimentos. Há que se dizer que Porto Alegre é uma cidade que oferece muitas alternativas e conglomeram diversos espaços culturais como museus, casas de cultura, salas de cinema, teatros e abarca atividades múltiplas, como a Feira do Livro e a Bienal do Mercosul, dentre outras. Dessa maneira, embora as crianças ainda não conhecessem museus de arte, a escola já havia proporcionado a elas um tipo de atividade extra classe. Inclusive as crianças, ao prepararem-se para a primeira experiência museal, traziam nas suas expectativas alguns elementos já conhecidos anteriormente:

18 Escultura de Rodolfo Bernardelli – Moema, pertencente ao acervo do MARGS.

“Vai ter comida, coisa boa...”; “Computadores”; “Livros”; “Um tio contando histórias”; “Na Feira do Livro tinha truque” [mágica]; “Vai ter pessoas, gente que vende coisas, algodão, pipoca, livros...”; “Tem gente vendendo refri”; “Eu ganhei brinde, vai ter brindes?”; “Eu acho que no museu não dão brindes...”; “Lá tem 20 milhões de quadros, eu sei”; “Eu vi o quarto do Mario Quintana, ele já morreu”; “A gente foi num que era de ouvir música, botava fone no ouvido”; “No museu da PUC a gente se diverte, bah é tri, tem bicho vivo, empalhado”; “Tem, sim, coisas de mexer, aquele de andar”; “Nas pinturas não dá”; “Só olhar de longe”; “Apreciar”; “Não pode comer lá, é não pode”; “E se a gente fizesse pintura no museu, vai ter?”; “Eles não querem saber se a gente faz desenhos?”.

As crianças são sempre muito observadoras, muitas vezes no nosso olhar adulto nós não percebemos o quanto elas estão atentas. Sendo assim, decididamente, no que diz respeito ao atendimento recebido no espaço expositivo, elas tomaram posição acerca das palavras que lhes foram ditas. Percebi que elas encararam a ida ao museu como uma atividade educativa, mesmo que citassem anteriormente perspectivas para além do conceito ensino-aprendizagem que poderiam, ou não, acontecer na visita – mais do que isso, compreendi que para elas o mais importante foi o que ficou na sua imaginação e agora na sua percepção museal. “No meu museu ia ter coisas divertidas”; “Uma festa no museu!”.

Nesse percurso da visita ao museu, o trabalho pedagógico adquire um caráter que, entre outras coisas, pode estender as portas de acesso a partir de suas estratégias de comunicação, pode articular e promover caminhos, provocar percursos para além de vivenciar as questões do próprio espaço museal. O museu, para essas crianças que mostravam seu encantamento ao percorrer as salas, não é um espaço qualquer, se transforma em algo mais, distingue sua importância e elas, atentamente, queriam ouvir a mediadora e, principalmente, ver as obras. “Aqui mostra muitas coisas... ela explica... aqui é melhor, dá pra ver a cor”.

Não obstante vale dizer que nas leituras que fiz também me deparei com várias concepções de mediação adotadas em museus do Brasil e do exterior (Leite, 2007; Carvalho, 2005; Grinspum, 2000) e, nesse sentido, encontrei ressonância nos diferentes estilos e tipos de mediação: mediadores que conduzem a visita; outros que instigam as crianças e buscam uma interação com elas; e outros ainda que fazem da visita um momento de explicações das obras e dos artistas. Além disso, acompanhei diálogos velados, com momentos em que as crianças se deslocavam e observavam as obras em silêncio e depois eram questionadas sobre o que

estavam vendo. Esse silêncio inicial até causava certo estranhamento, mas depois elas entravam na conversa. Percebi diálogos e interrogações que motivavam a interferência das crianças e geravam o debate, assim como aconteceram momentos em que elas fizeram sugestões de outra organização e escolha dos objetos expostos, bem como da própria museografia da mostra.

Entretanto, ao lembrar de um público mais amplo que também pode frequentar a instituição, quero pensar na formação de espectadores críticos, motivados e sensibilizados, e que, para tanto, se possam ampliar os referenciais de acesso aos museus de arte, ao favorecer a prática e a reflexão das relações entre o museu, a educação e o cotidiano dos envolvidos. Igualmente, vale assinalar cuidados para não escolarizar o museu, ao considerar que os processos educativos postulam a continuidade, a visibilidade e a acessibilidade da contemplação, da fruição, logo, estas não se esgotam no âmbito escolar.

Percebo que só o fato de percorrerem o espaço museal já se consolidou como um acontecimento, suplantou a ansiedade das crianças e deliciou sua curiosidade, mostrando que o conhecimento produzido num museu está para além de suas obras expostas. Assim, fica claro que não é apenas o objeto musealizado que está em jogo, mas todo o entorno museal – o museu favorece a produção de conhecimentos outros além dos que se propõe oficialmente, e se mostra como espaço privilegiado de questionamentos, investigações e produção de sentidos múltiplos; espaço de imaginação, troca e experiências sensíveis. Essa experiência espacial se vê refletida nas respostas dadas sobre o que fariam se fossem criar o seu próprio museu. Muitas opiniões giraram acerca do espaço e sua configuração. “Eu colocaria elevador”; “No meu ia ter chão de vidro [referência ao átrio do Santander]”; “Queria que tivesse escadas grandes e com tapete vermelho [como o MARGS]”; “Eu ia botar mais bancos. É daí a gente senta e olha”; “Eu deixaria todo mundo tocar!” [menção à exposição de gravuras organizada pela Fundação Iberê Camargo]¹⁹; “Ai, mas daí pode estragar as artes!”; “Pode botar um vidro assim... Daí pode chegar bem pertinho”.

Fascinante perceber, nas falas, a forma como elaboram seu pensamento; adentram na fala do outro, incorporam e somam, tecendo uma rede de saberes e descobertas. Essa rede também fica clara quando comentam o que estão vendo a partir de algo que já tenham visto/vivido anteriormente. Muito interessante e importante compreender as redes de significação criadas pelas crianças a partir de suas diversas experiências estéticas e, conseqüentemente, a forma como vão (re)construindo seus conceitos acerca do visto/vivido. Escolas e museus com seus setores educativos e curatoriais, na medida em que compreenderem esse processo, podem contribuir mais significativamente para a descoberta e o deleite com a arte e, assim, intensificar as relações entre a arte, a educação, o museu e a vida das crianças.

19 Referência a parte da mostra organizada pela Fundação Iberê Camargo em 2007 no MARGS e que era possível tocar (ver GANZER 2007).

Referencias Bibliográficas.

ALVES, C. A curadoria como historicidade viva. In: RAMOS, A. D. (org.). Sobre o ofício do curador. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010. p. 43-57.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: Obras Escolhidas I. Magia, técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165-196.

BRUNO, M. C. O. Palestra proferida na FABICO – UFRGS – Museus, Museologia e Educação: aproximações metodológicas. Curso de Museologia nos dias 23 a 25 de novembro de 2010 em Porto Alegre, gravada e transcrita por mim.

_____. Definição de curadoria: Os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. In: Caderno de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. BITTENCOURT, J. N. (Org.). Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. p. 15-23.

CABRAL, M. e RANGEL, A.. Processos educativos: de ações esparsas à curadoria. In: Caderno de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. BITTENCOURT, J. N. (Org.). Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. p. 159-168.

CALVINO, I. Palomar. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

_____. Diferentes, Desiguais e Desconectados. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CARVALHO, M. C. M. P. de. Instantâneos da visita: a escola no Centro Cultural. 2005. 181 p. Tese de Doutorado. FE/PUC, Rio de Janeiro.

CINTRÃO, R.. As montagens de exposições de arte: dos Salões de Paris ao MOMA. In: RAMOS, A. D. (org.). Sobre o ofício do curador. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010. p. 15-41.

CHAGAS, M.. A imaginação museal: Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: MINC/IBRAM, 2009.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 2009.

GANZER, A. A. “Eu começava a olhar uma coisa que me interessava e já tinha que olhar outra”: refletindo sobre a relação dialógica entre o museu de arte e a criança. 2007. 156p. Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma (SC).

GRINSPUM, D.. Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e Escola – Responsabilidade Compartilhada na Formação de Públicos. 2000. 131 p. Tese de Doutorado. FE/USP, São Paulo.

LEITE, M. I. A dimensão Educativa dos Museus Londrinos: o Olhar Estrangeiro. Relatório Final de Pesquisa Pós-doutorado. Londres: Roehampton University, 2007. Disponível em: www.gedest.unesc.net.

_____. Espaços de narrativa: onde o eu e o outro marcam encontro. In: CRUZ, S. H. V. (Org.). A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p. 118-140.

MENEZES, U. B. de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista. São Paulo, 1994.

_____. O Museu e o Problema do Conhecimento. In: Anais do IV Seminário sobre Museus-Casas: Pesquisa e Documentação. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, p. 17-48, 2002.

NASCIMENTO Jr., J. L.; CHAGAS, M. Museus e Política: Apontamentos de uma Cartografia. In: Caderno de Diretrizes Museológicas I. Ministério da Cultura/ Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural, Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2ª edição. p. 13-17.